

**A(R)TIVISMOS**  
**URBANOS**  
**(SOBRE)VIVENDO EM TEMPOS DE URGÊNCIAS**

## **Conselho Editorial**

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UFES  
André Lemos – UFBA  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-Rio  
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ  
Cristiane Finger – PUCRS  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
Jaqueline Moll – UFRGS  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Luiz Mauricio Azevedo – USP  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Maura Penna – UFPB  
Micael Herschmann – UFRJ  
Michel Maffesoli – Paris V  
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Simone Mainieri Paulon – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

---

Apoios:



# A(R)TIVISMOS URBANOS

(SOBRE)VIVENDO EM TEMPOS DE URGÊNCIAS

ORGS.  
CÍNTIA SANMARTIN FERNANDES  
MICAEL HERSCHMANN  
ROSE DE MELO ROCHA  
SIMONE LUCI PEREIRA



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2022

Capa: Letícia Lampert (sobre fotogramas do vídeo *Eu e Tu* (2008) de autoria da artista plástica Anna Maria Maiolino)

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Janaina Mello e Adriana Lampert

Produção do Artivismos Urbanos: Gêsa Karla

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

A791

Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgências / organizado: Fernandes, Cíntia Sanmartin... [et al.]. – Porto Alegre: Sulina, 2022.  
480p.; 16x23cm.

ISBN: 978-65-5759-065-2

1. Sociologia. 2. Jornalismo. 3. Antropologia. 4. Política.  
5. Cultura. I. Fernandes, Cíntia Sanmartin.

CDU:316

CDD: 301

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana  
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3110.9801  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Junho/2022

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

# SUMÁRIO

(Re)existências em um contexto de intensificação das polarizações e precarizações.....	9
<i>Cíntia Sanmartin Fernandes; Micael Herschmann; Rose de Melo Rocha; Simone Luci Pereira</i>	

## Parte I – Muito além das distopias

Mediação gore e o <i>bromance</i> de Jair Bolsonaro e Donald Trump.....	33
<i>Erick Felinto; Richard Grusin</i>	
Sirenes do 13 de novembro.....	59
<i>Esteban Buch</i>	
O fim do humanismo.....	75
<i>Vincenzo Susca</i>	
<i>Techno</i> , Afrofuturismo e ficção científica <i>black</i> .....	95
<i>Claudia Attimonelli</i>	

## Parte II – Artivismos de gênero e/ou raciais: debates, abordagens e controvérsias

Pistas reflexivas para uma cartografia dos artivismos de gênero no Brasil .....	127
<i>Rose de Melo Rocha; Thiago Rizan</i>	
Artivismo <i>remix</i> : algumas questões de gênero no samba de rua carioca.....	151
<i>Cíntia Sanmartin Fernandes; Micael Herschmann; Andréa Estevão</i>	

Políticas e ativismos de gênero e sexualidade em contextos de violência sociopolítica: o ativismo de *Mujeres al Borde e Cuerpo, primer Teritorio de Paz* ..... 175  
*José Fernando Serrano-Amaya*

Algumas anotações sobre o ativismo musical negro: o *Black Bom* nas ruas do Rio de Janeiro..... 194  
*Micael Herschmann; Cíntia Sanmartin Fernandes*

Os desacordes do fado e do folclore na modernidade tardia. Um trajeto pelos ativismos musicais do Fado Bicha e de Filipe Sambado ..... 221  
*Paula Guerra*

Para além da Garota de Ipanema: negociações da identidade carioca construídas no videoclipe da cantora Anitta..... 251  
*Simone Pereira de Sá*

Toda instalação é falsa arte, Ana Mendieta dixit. Espiritualidade feminista: das galáxias às plantas ..... 271  
*Karina Bidaseca*

Oração a contrapelo ou de quando minha sexualidade se tornou amante da minha religiosidade..... 284  
*Chris, The Red*

Tensões sociais e visibilidade da dança Passinho Foda ..... 305  
*Hugo Oliveira*

### **Parte III – Resignificações dos ativismos urbanos**

Ocupação Ouvidor 63: sentidos dos ativismos urbanos no centro de São Paulo..... 323  
*Simone Luci Pereira; Priscila Miranda Bezerra*

Música e som em ativismos urbanos ..... 353  
*Natalia Bieletto-Bueno*

Espaço performativo: cidade em disputa e atualização histórica.....	374
<i>Marcelo de Troi; Leandro Colling; Susana Batel</i>	
Formas de criatividade culturais: uma leitura estética das ambiências e atmosferas urbanas.....	405
<i>Fabio La Rocca</i>	
Artes, insurgência e cidade: paisagens entre ruínas.....	423
<i>Glória Diógenes</i>	
O poder da “imagem-ação”: criatividade e transmemória em tempos de pandemia.....	448
<i>Helena Pires; Zara Pinto-Coelho</i>	
Sobre os autores .....	469





# **(Re)existências em um contexto de intensificação das polarizações e precarizações**

*Cíntia Sanmartin Fernandes*

*Micael Herschmann*

*Rose de Melo Rocha*

*Simone Luci Pereira*

Se na primeira década do século XXI muito se comentou a respeito dos ocupas, das primaveras, dos levantes e, de modo geral, das iniciativas dos movimentos sociais progressistas<sup>1</sup>, nessa última década (especialmente nos últimos anos) muitas lideranças se surpreenderam com a ascensão rápida de grupos conservadores e radicais, os quais geraram consternação e mobilizações entre diferentes atores: vários deles ligados ao universo plural da arte. Boa parte dessas reações e iniciativas buscou evidenciar, por meio de performances e linguagens estéticas, a rápida precarização dos direitos das minorias, trabalhistas, políticos e civis, bem como enfrentou – por vias artísticas variadas – as xenofobias e a ofensiva reacionária voltada às dissidências e minorias raciais, de classe e de gênero.

Marchas nos espaços públicos que negam as alteridades, práticas de censura e repressão, agressões intensas (algumas dessas fatais) e embates entre diversos grupos sociais – presencialmente e na internet – tornaram-se cada vez mais recorrentes no cotidiano de diversas localidades do globo. Diante desse cenário, não era mais possível seguir afirmando que essas manifestações se constituíam em ações de grupos isolados ou que ocorriam somente em regiões marcadas por regimes menos de-

mocráticos (os quais não protegiam as instituições e os direitos da sua população local).

Nesse sentido, vale a pena destacar alguns exemplos dessas (re)ações dos atores mais engajados e simpatizantes (sejam eles políticos, artistas, lideranças ou cidadãos locais): em 2017, por exemplo, a cidade universitária de Charlottesville, no Estado de Virgínia (EUA) foi palco de protestos e manifestações neofascistas com centenas de homens e mulheres carregando tochas, fazendo saudações nazistas e gritando palavras de ordem contra negros, imigrantes, homossexuais e judeus.<sup>2</sup> Neste mesmo ano, o artista visual francês, conhecido como JR, instala grandes *outdoors* com imagens de crianças sorridentes junto à fronteira dos Estados Unidos com o México (foram instaladas na região de Tecate), iniciativa que de sobremaneira desagradou os membros do Governo Trump e parte de seus eleitores mais exaltados.<sup>3</sup> Nesse período, a violência policial contra a população negra também passou a se intensificar nos Estados Unidos (inclusive algumas intervenções violentas foram registradas em imagens de câmeras de dispositivos móveis e celulares, amplificando ainda mais o clima de comoção e indignação) e os ativistas e simpatizantes antirracistas passaram a promover, como resposta, inúmeras manifestações artísticas e de protesto, que ficaram mundialmente conhecidas como parte do movimento *Black Lives Matter*,<sup>4</sup> tendo ocorrido algumas das principais multidinárias manifestações estéticas e políticas, mesmo durante o período mais crítico da pandemia da Covid-19. Na Europa, encontros envolvendo lideranças políticas da extrema direita também passaram a assombrar alguns governos orientados por agendas progressistas. Em 2018, pudemos assistir estupefatos (nos veículos de comunicação) não só a um desfile de neonazistas pelas ruas de Estocolmo (na Suécia), mas também à presença de seis mil ativistas de extrema direita, incluindo atores vindos de outras regiões alemãs, realizando uma marcha na cidade de Chemnitz para exigir leis mais duras contra o acesso de estrangeiros ao país. Ao mesmo tempo, não só as manifestações antifascistas vêm eclodindo nas ruas de Roma, Londres e Paris, mas também a mostra de arte mais presti-

giosa do mundo – a Documenta – foi dedicada em 2017, pelo curador Adam Szymczyk, à questão complexa e controversa da migração no mundo globalizado.<sup>5</sup> Em sua edição de junho de 2018, a organização da Bienal de Berlim apresentou como principal eixo temático a frase emblemática “*We don’t need another hero*”. Inclusive, na ocasião, acionando um debate que se aproxima muito do conjunto de questões tratadas por Alliez e Lazzarato (2021), a curadora sul-africana Gabi Ngcobo chegou à coletiva de imprensa assumindo um enfrentamento, salientando de forma mais explícita os conflitos em curso.

[...] a guerra anunciada é, sobretudo, uma transformação da linguagem utilizada para falar de arte, uma linguagem inspirada pelas ciências sociais, em particular os estudos pós-coloniais e de gênero (na versão atual do feminismo, recusando qualquer identidade uniformizada). A curadora Gabi Ngcobo afirmou a necessidade de descolonizar e de levar a cabo um trabalho para desfazermos identidades, questionando construções históricas estabelecidas. Este princípio de recusa surge logo no título da Bienal, *We don’t need another hero* (citando uma canção de Tina Turner, numa perspectiva de autodeterminação), e prolonga-se no programa de atividades (intitulado “Eu não sou o que tu pensas que eu não sou”, perturbando qualquer posição fixa). Não há bienal de arte contemporânea que não cite atualmente Fred Moten, poeta e investigador na área dos *black studies* (autor de *The Undercommons* com Stefano Harney). Quando Fred Moten fala de comunidades fugitivas, com raízes na segregação, trata-se de elaborar um plano de fuga enquanto processo de subjetivação. Quer dizer, fuge-se para fugir, não para atingir uma promessa de utopia. A ansiedade de chegar à promessa é, na realidade, a vontade de ser capturado, mas o mundo continua, as batalhas deslocam-se, como diz a artista Jota Mombaça (Morais, 2018, p. 4).

Pouco depois, em julho de 2018, uma polêmica ocupou as redes sociais brasileiras com um contundente questionamento do *rapper* multi-

artista Rico Dalasam<sup>6</sup>, em função do videoclipe *Me solta*, protagonizado pelo funkeiro carioca Nego do Borel, no qual ele representa de modo bastante caricato uma personagem trans, que mais tarde alegaria já existir, chamada por ele de Nega da Borelli. A discussão sobre as expressões não normativas e não binárias de gênero vem ocupando o debate público no Brasil e no mundo, e, sem dúvida, o alcance e o impacto de artistas e ativistas de gênero contribuíram para um modo de visibilidade exponencial e midiático das questões relacionadas a esse debate. Mapear e analisar as características e parametrizações históricas desse *boom* expressivo parece-nos essencial para compreender o que exatamente se atualizou [a cultura e o ativismo de fãs, por exemplo, tal como discutido por Amaral, Souza e Monteiro (2015)], e possibilita problematizar algo que, em nosso campo de investigação, está mais relacionado a possibilidades, alcances e limitações do que Rancière (2014), pensando nas artes plásticas, entendia como a emancipação do espectador.

No Brasil, talvez o que mais chocou e/ou chamou a atenção – além do movimento antivacina, das manifestações bolsonaristas (sempre muito ruidosas e intimidadoras em alguns centros urbanos) e das estratégias claras de desmonte das áreas de Saúde, Cultura, Educação e de Ciência & Tecnologia – foram as práticas de censura e repressão às “expressões artísticas” que buscaram de algum modo denunciar especialmente as neopolíticas praticadas pelos poderes conservadores do país. Certamente a exposição *Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira* foi um marco histórico nas polêmicas da segunda metade da década de 2010.<sup>7</sup> No entanto, muitos formadores de opinião e diferentes públicos ficaram igualmente sensibilizados com outras controvérsias antes não cogitáveis. Isto é, dentre diversos casos amplamente noticiados nas redes sociais e na mídia tradicional poderíamos mencionar alguns: o conjunto de dificuldades burocráticas impostas pela Ancine e que atrasou em dois anos o lançamento do longa-metragem sobre o guerrilheiro Marighella (dirigido por Wagner Moura e produzido pela produtora O2)<sup>8</sup>; a determinação do prefeito Marcelo Crivella durante a 19ª edição da Bienal do

Livro do Rio de Janeiro para que fiscais da Secretaria Municipal de Ordem Pública percorressem os estandes do evento para recolher os livros que tratassem de temas ligados à homossexualidade<sup>9</sup>; o imbróglio judicial envolvendo a produtora de vídeos Porta dos Fundos, que teve vetado em um primeiro momento a estreia do seu *Especial de Natal* na plataforma de *streaming* Netflix<sup>10</sup>; e, por determinação do Ministério da Justiça, a terceira edição do Facada Fest – evento musical de bandas autorais de rock e punk de Belém – teve seu cancelamento forçado pela repressão das forças policiais locais.<sup>11</sup>

Tendo em vista esses acontecimentos mencionados e vários outros que vêm ocupando a cena midiática (e que não foram destacados aqui), poderíamos indagar: como compreender a complexidade desse novo contexto de polarização e de abjeção ao outro crescentes, não só no Brasil, mas de modo geral no mundo? Qual vem sendo o papel da arte nessa nova ambiência contemporânea: seja nos agenciamentos de linguagens e de performances, seja nas mobilizações sociais e/ou nos debates acalorados? Será que tudo isso de alguma maneira se constituiria nos desdobramentos mais palpáveis de uma sombria articulação entre o capitalismo neoliberal (especialmente rentista) e a ascensão de grupos de extrema direita em diversos países? Em seu livro, Kiffer e Giorgi constataam que navegamos hoje entre o ativismo e a interpretação atenta aos acontecimentos dramáticos que avultam e nos assombram. Para esses autores, viveríamos na última década em um regime de afeto modulado pelo ódio, no qual a necropolítica vem ocupar o lugar do chamado pacto social ou “civilizatório”, que vem se traduzindo em uma condição dramática de “precarização” (Butler, 2018, p. 11) e na explosão de manifestações de racismo, xenofobia, violência patriarcal, variados sexismos e classicismos raivosos (Kiffer e Giorgi, 2019).

Assim, motivada por laços afetivos e inúmeras inquietações coletivas relacionadas a esse contexto ameaçador, emerge essa profícua parceria entre os organizadores (desta publicação) e uma rede de pesquisa voltada para o desenvolvimento de reflexões sobre os artivismos urbanos, os quais

envolveram não só os pesquisadores dos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (da UFRJ), Comunicação, Arte e Cidade (da UERJ), Juvenália (da ESPM-SP) e URBESOM – Culturas Urbanas, Música e Comunicação (da UNIP), mas também investigadores de diferentes regiões e centros de pesquisa do Brasil e do exterior – boa parte deles presente neste volume.

Assim, desse intercâmbio que se intensificava, foi amadurecendo a proposta de organização de um evento intitulado “Artivismos Urbanos – (sobre)vivendo em tempos de urgências” (que inclusive tem o mesmo título desta coletânea de artigos aqui apresentada). Para a realização desse seminário internacional, que ocorreu entre os dias 3 e 4 de novembro de 2021 (infelizmente de maneira virtual, por conta da pandemia da Covid-19) – e que foi apoiado pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, UERJ, UNIP e ESPM-SP –, mobilizou-se essa rede, que conseguiu reunir, naquela ocasião, pesquisadores, especialistas e ativistas de dez países da América Latina e da Europa que, de modo geral, repensaram diversos aspectos da imbricada articulação entre arte e política nesse início do século XXI.

Em sua maioria, as intervenções dos participantes problematizaram as seguintes questões: a) necessidade atual de reflexões e participações mais engajadas em contextos nos quais a vida vem sendo afetada por graves desequilíbrios, aniquilações, precarizações e pela crescente presença do autoritarismo; b) por um lado, a presença mais acentuada de atores envolvidos em alianças construindo linhas de fuga, heterotopias e/ou territorialidades urbanas, e, por outro, a dinâmica de corpos em performances hackeados e remixados, os quais vêm produzindo tensionamentos e dissidências com o biopoder vigente; c) relevância de pequenas “táticas e astúcias” cotidianas empreendidas por sujeitos que vêm lidando não só com conjunturas em que fãs e *haters* estão mobilizados em dinâmicas rizomáticas, mas também com agenciamentos das artes urbanas, contribuindo, assim, para a construção de dissensos e partilhas do sensível; d) e, finalmente, o grande potencial mobilizador

das expressões artísticas em uma cultura crescentemente participativa e digital, nas quais se constata o aumento significativo dos processos de rotinização de linchamentos virtuais (fenômeno conhecido atualmente como “cultura do cancelamento”).<sup>12</sup>

### ***Seguindo com o problema***

Apesar da dificuldade em conceituar com precisão esse neologismo, o termo “ativismo” é de inegável relevância e está onipresente na cena midiática e em diferentes esferas do cotidiano – não só no Brasil, mas em diversas regiões do globo. Em uma época de forte polarização e precarização da vida social, essas iniciativas engajadas constituem-se, de certa maneira, em um *zeitgeist* que caracteriza o ambiente artístico-intelectual contemporâneo. Como é possível constatar, na atualidade, o “ativismo” transita pelas ambiências urbanas e digitais, pelos campos políticos, artísticos, sociais e educacionais, questionando institucionalidades e cânones do mundo atual.

Poderíamos afirmar que o desafio de repensar o ativismo artístico é que seria preciso compreender em que se funda a radicalidade de práticas que não se prestam a ser analisadas exclusivamente nem sob o critério de sua dimensão política ou levando-se em conta somente a natureza “artística”: isto é, tendo em vista que justamente parecem recorrentemente ultrapassar as convenções de ambos os campos (Mesquita *et al.*, 2021; Di Giovanni, 2012 e 2015). As manifestações artivistas, ao assinalarem nos processos contemporâneos possibilidades de mudança social (uma radicalidade ou potência que não pode ser explicada em termos de eficácia institucional ou identidade lógica), indicam em geral sobreposições e intersecções complexas entre as experiências políticas e as experiências estéticas (Semova, 2019; Aznar Almazan e Clavo, 2007). O neologismo do termo “ativismo” sugere ainda que a análise dessas formas de ação de difícil definição representa um desafio, inclusive do ponto de vista lexical: assim arte, ativismo, estética e política, entre outros termos correlatos, são

ao mesmo tempo insuficientes e demasiadamente vagos para dar conta desse fenômeno de grande complexidade (Di Giovanni, 2012 e 2015).

As imbricadas e complexas relações entre ativismos, arte, política e estética parecem ter na noção de (re)existência um elemento importante para a sua problematização. A tradicional noção de “resistência” vem sendo muito debatida e empregada em diversas análises desenvolvidas em variados campos do conhecimento: da resistência física dos corpos às resistências políticas, essas práticas vêm sendo analisadas especialmente por cientistas sociais (Spivak, 2018; Hall, 2013), os quais buscam contribuir para a compreensão das tensões – entre materiais, sujeitos, movimentos sociais – salientando ou criticando especialmente certa perspectiva dialética nos empregos desse conceito (Zanella, 2012). Isso porque a perspectiva clássica de resistência enfatiza as respostas ou negações colocadas diante de um poder opressor ou de modelos previamente constituídos num sentido mais dicotômico e binário. Dentro da perspectiva decolonial (Maldonado-Torres, 2017; Walsh, 2013; Mignolo, 2015), o esforço e a elaboração de (re)existências apontam para maneiras de sentir/pensar, agir e criar modos de existir no mundo que vão se constituindo por meio de várias insurgências e irrupções (re)inventadas no cotidiano, em que as práticas artísticas e os ativismos se colocam como um campo privilegiado de experimentações. Maldonado-Torres (2017) afirma, inclusive, que a noção de (re)existência – inicialmente proposta pelo artista e intelectual colombiano Adolfo Albán Achinte – é um tema crucial nas reflexões sobre decolonialidade, uma vez que estaria articulada às estéticas, práticas e pedagogias que operam no incerto e no contraditório, elaborando-se nos corpos, territorialidades e subjetividades, e desafiando ou desestabilizando a lógica moderna racional e colonial, tanto em suas práticas como em suas ontologias e epistemologias.

Mencionamos a noção de “(re)existência” aqui (inclusive no título desta apresentação) e a utilizamos justamente buscando escapar de uma perspectiva mais engessada, opositiva e binária das tensões sociais presentes e relevantes em determinado contexto. Nesta perspectiva,



buscamos valorizar outros aspectos presentes nas atividades da vida social, caracterizadas pelas dinâmicas entre continuidade/descontinuidade, pelas possíveis articulações e negociações com o outro, bem como pela capacidade dos atores de se reinventarem e criarem fissuras (Walsh, 2013) nas estruturas vigentes. Além disso, procuramos enfatizar as pequenas táticas e astúcias cotidianas dessas formas de (re)existência, que são realizadas muitas vezes de maneira não totalmente organizada, com elementos mais intuitivos, afetuais e espontâneos. Em outras palavras, a noção de “(re)existência” parece dar mais conta de dinâmicas sociais cotidianas amplas e complexas, nas quais os atores não só resistem, mas também protagonizam, ocupam, negociam, escapam, existem, criam, perseveram, e assim por diante.

Evidentemente, podemos afirmar que a politização consciente da arte muitas vezes surge em resposta à percepção de que ela já é de alguma maneira politizada (Mesquita, 2011). Muitas vezes o desejo por mudanças sociais ou de (re)existência levou artistas a trabalharem dentro da esfera da arte, buscando se alinhar com movimentos sociais mais amplos e/ou romper com instituições artísticas consagradas (Bradley, 2021).

Ao mesmo tempo, ao longo da história diversos movimentos sociais acionaram diferentes expressões artísticas como uma forma de sensibilizar e mobilizar segmentos sociais mais significativos. Os exemplos mais palpáveis talvez sejam aqueles que envolvem o agenciamento da música – caso das canções de protesto que se tornaram uma espécie de hino de gerações, tais como *Blowin in the wind* (de Bob Dylan) ou *Pra não dizer que não falei das flores* (de Geraldo Vandré), e a realização de showmícios, os quais seguem ocorrendo em larga escala em diferentes localidades do globo – e da produção audiovisual – caso do uso de máscaras e elementos visuais de filmes e séries, tais como *V de Vingança*, *La Casa de Papel* e *Round 6*, amplamente ressignificados nas performances dos ativistas hoje atuantes. Nesse sentido, autores como Chaia (2007), Semova (2019) e Raposo (2015) salientam que é preciso levar em conta que há uma história do ativismo ao longo do século XX extremamente

rica e inspiradora (inclusive para as gerações seguintes), a qual envolveu com grande frequência diversas correntes das chamadas vanguardas artísticas, tais como Dadaísmo, Surrealismo, Situacionista, *Pop Art*, Guerrilha Art, Fluxus, Border Art, entre tantos outros movimentos.<sup>13</sup>

Entretanto, Esche assinala que é preciso estar atento e observar que há também algumas diferenças entre o ativismo que caracterizou o século XX e o atual. Segundo ele, “[...] os artistas socialmente engajados da década de 2010 [...] parecem estar menos interessados que seus antecessores em conscientizar ou despertar um senso de responsabilidade coletiva; [...] ao mesmo tempo, parecem estar mais engajados em entender como os movimentos já existentes podem ser apoiados e fortalecidos por meio do agenciamento daquilo que já existe” (Esche, 2021, p. 15). Nesse sentido, também Mesquita salienta que o ativismo do século XXI propõe certa recomposição das ações políticas de caráter contestatório, articuladas em torno da formação de coletivos e de modos de participação inclusiva e direta. O autor identifica nos processos de experimentação estética uma postura dirigida para fora do “mundo da arte”, na qual a autoria dá lugar à produção coletiva e os conceitos oriundos do universo político – guerrilha, tática, estratégia – passaram a se tornar cada vez mais centrais no processo criativo (Mesquita, 2011, p. 17).

É interessante assinalar ainda que a reinvenção das formas de protesto articuladas à criatividade plástica e a atenção à dimensão estética e simbólica das ações coletivas passaram ao mesmo tempo a assumir um lugar cada vez mais importante para os movimentos sociopolíticos no século XXI. Nesse sentido, *happenings* e performances, típicos do ativismo, são cada vez mais empregados como “táticas e astúcias” (De Certeau, 1998) do fazer político atual como parte de um conjunto de estratégias sensoriais e de espetacularização (Di Giovanni, 2015). Aliás, a espetacularização vem sendo crescentemente tratada como um ingrediente fundamental capaz de garantir alguma repercussão às várias iniciativas sociopolíticas e culturais colocadas em curso na contemporaneidade (Herschmann, 2005).

Tendo em vista a complexidade dos debates que atravessam o mundo do ativismo, sublinhamos que não há qualquer pretensão de esgotar a discussão sobre as potencialidades e os limites das chamadas práticas artísticas. Nesse sentido, os artigos reunidos neste livro buscam – a partir de seus respectivos “sujeitos” de estudo – analisar alguns tópicos relevantes para o desenvolvimento de uma abordagem interdisciplinar que em parte dê conta de repensar a dinâmica dessas formas híbridas, compreendidas – ainda que provisoriamente – no âmbito da noção polissêmica de “ativismo”.

Assim, ao longo das três partes desta publicação, é possível encontrar dezenove artigos e ensaios não só de pesquisadores que estiveram palestrando no evento de novembro de 2021, mas também de outros que na ocasião não puderam colaborar e/ou de alguns que foram convidados *a posteriori* em função da relevância de suas respectivas investigações.

Dessa forma, na primeira parte do livro, intitulada “Muito além das distopias” – que apresenta essa ambiência “menos solar” da contemporaneidade –, o leitor encontrará um instigante artigo em que os pesquisadores Felinto e Grusin, analisando a gestão de Trump e Bolsonaro, sugerem que a governança hoje em vários países (especialmente em regimes menos democráticos) se daria por uma “mediação gore” (Valencia, 2010), isto é, por meio de diferentes mídias digitais, com o objetivo não apenas de comunicar posições políticas, mas especialmente de buscar “aterrorizar as populações locais” a aceitarem propostas de implementação de necropolíticas (Mbembe, 2018) e uma condição cada vez mais “precarizada” (Butler, 2018; Agamben, 2010). Em seguida, dialogando com Adorno e Horkheimer (1985) e empregando a simbologia das “sirenes/sereias”<sup>14</sup> da *Odisseia* de Homero, Buch analisa as sonoridades e narrativas que foram produzidas no contexto dos atentados de 13 de novembro de 2015, os quais atingiram especialmente os frequentadores da casa de espetáculo Bataclan (em Paris) e que deixou um saldo de mais de uma centena de mortos. Para o autor, esse tipo de atentado é um forte indício de que viveríamos em uma época marcada cada vez mais pela

radicalidade e pelo ódio. Além disso, ele sublinha que a escolha dessa localidade boêmia e musical como alvo de ação violenta coloca em evidência as fortes tensões que vêm sendo geradas pelas alteridades culturais presentes na sociedade francesa contemporânea. Na sequência, Susca no seu ensaio faz as seguintes desconcertantes indagações: o que será do ser humano em um tempo caracterizado pela prevalência do mundo dos objetos, da mídia e das informações sobre o mundo dos sujeitos? Como interpretar a efervescência das redes sociais, a vivacidade das culturas urbanas, seus múltiplos excessos e a “coisificação” generalizada da vida? Para o autor, esse conjunto de questões assume um valor ainda mais urgente na conjuntura marcada pela pandemia de Covid-19, na qual se sente na própria pele a mediatização de nossa existência. Do ponto de vista desse autor, portanto, estaríamos experienciando uma profunda crise do humanismo: no mundo atual todos nos tornamos simultaneamente artistas, obras de arte e mercadorias. Fechando a primeira parte dessa publicação, adentramos o terreno movediço e fascinante da ficção científica pelas mãos da sociossemióloga Attimonelli. Em seu artigo, a autora busca repensar as perspectivas contemporâneas do Afrofuturismo, especialmente do ponto de vista audiovisual. Assim, ela analisa não só o imaginário “Sci-fi negro” em seus aspectos mais complexos relacionados não só com a indústria cinematográfica, mas também com o universo da música.

Abrindo a segunda parte, intitulada “Artivismos de gênero e/ou raciais”, Rocha e Rizan problematizam a sua proposta de empreender um “movimento tentacular” (Haraway, 2019) que busca cartografar inúmeras iniciativas artivistas do país, analisando as polêmicas e as “políticas afrontosas” (Santos, 2020) e os dissensos desencadeados não só por artivistas de grande popularidade, tais como Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Triz Rutzatz, Rico Dalasam, Gloria Groove e Liniker, mas também por coletivos muito atuantes, como Loka de Efavirenz e Rede de Jovens São Paulo Positivo. Em seguida Fernandes, Herschmann e Estevão analisam algumas ocupações “dissensuais” (Rancière, 1996)

femininas dos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro nos últimos anos, as quais vêm agenciando e protagonizando manifestações significativas no universo cultural do samba. Os autores argumentam no texto que essas rodas e cortejos de samba, realizados e capitaneados por essas mulheres – que participam, por exemplo, da roda Samba que Elas Querem e do Bloco Mulheres Rodadas –, por meio de músicas, sons e gestos, atualizam as demandas feministas e pós-feministas que vêm emergindo com muita força desde o início da década de 2010. Logo em seguida, a partir do estudo de caso do coletivo ativista e transfeminista *Mujeres al Borde*, Serrano-Amaya problematiza a diversidade de iniciativas políticas que convergem nos ativismos de gênero e sexualidade. Tendo em vista o contexto da Colômbia do início do século XXI, o autor repensa as interfaces entre o que ele denomina de “políticas do desejo e políticas de paz”, sublinhando a sua função e seus limites na transformação de significativos conflitos sociais locais. No registro da questão étnico-racial, Herschmann e Fernandes em seu artigo não só revisitam parte da história de (re)existência da música negra carioca, mas também esboçam uma “cartografia das controvérsias” (Latour, 2012), buscando repensar a recente atuação engajada de alguns coletivos e redes de música negra na cidade do Rio de Janeiro, especialmente aqueles articulados ao instituto e ao baile *Black Bom*, os quais vêm construindo “territorialidades sônico-musicais” e ressignificações potentes no cotidiano dessa metrópole. O argumento dos autores é que a atuação estético-comunicativa dessas redes musicais resilientes tem possibilitado colocar em cena tópicos de uma variada e renovada agenda de luta (que articula pautas do movimento negro com questões sensíveis das agendas feministas e de outras minorias). Em seguida, Guerra, a partir dos estudos de caso da produção musical híbrida do Fado Bicha e do artista Filipe Sambado, busca problematizar – a partir especialmente de uma análise das performances videográficas – a vitalidade dessas expressões musicais *queer* e o impacto dessa produção ativista no campo da música *pop* portuguesa contemporânea. Retomando as questões de gênero, Pereira de Sá no seu

artigo analisa o videoclipe *Girl From Rio*, lançado em maio de 2021 pela cantora *pop* Anitta – cuja canção *sampleou* trechos da icônica música *Garota de Ipanema* –, problematizando especialmente a forma como esse produto audiovisual acaba produzindo tensões com os clichês celebrizados pela canção original, no que diz respeito à beleza e ao erotismo relacionados à mulher carioca (e, por extensão, esse videoclipe acaba colocando em xeque, de certa maneira, o imaginário tradicional da cidade do Rio de Janeiro e do gênero musical bossa nova). No sétimo artigo desta seção, Bidaseca revisita algumas obras da genial artista plástica cubana Ana Mendieta, buscando compreender as potencialidades do seu trabalho artista – que quase sempre se colocava em tensão com a ordem heteronormativa patriarcal e, ao mesmo tempo, propunha uma relação intensamente afetiva com a Terra, isto é, de certa maneira – como sugere Bidaseca analisando os trabalhos mais emblemáticos de Mendieta –, propondo uma espécie de “*compost*” (Haraway, 2019) com a natureza. E, finalmente, nos dois últimos artigos dessa segunda parte da coletânea, o leitor encontrará a contribuição de dois artistas-pesquisadores a esse conjunto de discussões envolvendo questões raciais e de (trans e pós) gênero. No primeiro texto, Chris, The Red apresenta a sua obra “Oração a Contrapelo” (elaborada em 2021) como um pretexto para trazer à tona algumas discussões políticas/artísticas/religiosas, isto é, buscando repensar expressões da sexualidade e da contrassexualidade como formas de (re)existência. E, no segundo, Oliveira apresenta não só o trabalho educacional/artístico que ele e o coletivo de dança do qual participa vêm desenvolvendo junto a diferentes comunidades da cidade do Rio de Janeiro, mas também os agenciamentos realizados para a campanha publicitária da Farm/Adidas (que envolveram artistas do Passinho) em 2018 na *web*, a qual teve grande repercussão e gerou algumas polêmicas junto a diferentes segmentos sociais.

A última seção, intitulada “Ressignificações dos ativismos urbanos”, é composta de cinco artigos que constroem um amplo painel, no qual os pesquisadores convidados analisam iniciativas artivistas bastante plurais

que, de modo geral, elegeram o espaço público urbano como palco e/ou como pauta relevante para as manifestações estético-políticas analisadas. Assim, abrindo este último bloco, Luci Pereira e Bezerra ponderam a respeito da relevância das ocupações dos espaços das cidades e problematizam as formas de ativismo urbano construídas no âmbito das atividades que vêm sendo desenvolvidas nos últimos oito anos pela ocupação artística Ouvidor 63. Ao realizarem um trabalho de campo no qual avaliaram a atuação desses atores na 3ª Bienal de Artes (que foi realizada por essa rede no final de 2021), as autoras constataram a presença crescente de uma pauta interseccional que articula tópicos sensíveis para diferentes minorias (tais como mulheres, negros e migrantes) e as negociações dessa rede de coletivos com outros atores na cidade. No segundo artigo, Bieletto-Bueno busca refletir sobre a relação entre a cidade, os processos de construção da cidadania, sublinhando o papel das artivismos sonoros na resignificação cotidiana do urbano. Ao longo do texto, a autora analisa alguns ricos exemplos recentes de formas de estetização das reivindicações dos atores que recorrem a diversos tipos de sonoridades como forma de luta. No artigo seguinte Troi, Colling e Batel reafirmam a dimensão performativa da produção dos espaços. A partir da teoria da performatividade e de uma revisão bibliográfica sobre o tema e notícias veiculadas na imprensa, esses autores buscaram fazer neste trabalho um balanço de um conjunto de discursos e de práticas sociais artivistas, a grande maioria associadas ao movimento *Black Lives Matter* (que se espalharam por diversas localidades do globo), avaliando a capacidade dessas em construir e atualizar a materialidade da cidade. Em seguida, La Rocca propõe um tipo de análise que valoriza não só as experiências efervescentes das ruas (inclusive de expressões de artivismos urbanos), mas também uma compreensão sensível da complexa e plural “climatologia” (Thibaud, 2015) das urbes. No penúltimo artigo, Diógenes nos transporta para as paisagens urbanas da cidade de Fortaleza para refletir sobre as intrincadas relações entre modernização, memória e ruínas nas cidades brasileiras. Em seu texto, a autora destaca as artes de rua e em

especial os coletivos que atuam em ruínas e prédios em vias de demolição com projeções e pixos, ressignificando espaços, temporalidades e olhares sobre a cidade. E, fechando essa publicação, Pires e Coelho tomam o projeto capitaneado pelo ativista holandês Anneloes Officier intitulado “O poder da ‘imagem-ação’: criatividade e transmemória em tempos de pandemia” como um pretexto para discutir três questões que expressam grande parte dos interstícios que caracterizam a complexidade da arte contemporânea: o fim da autoria; o limite entre o original e a cópia; e a transmemória das imagens.

Não poderíamos encerrar esta apresentação sem agradecer aos pesquisadores e assistentes de pesquisa que se engajaram de alguma maneira; isto é, não apenas aos que aceitaram participar em alguma medida desse conjunto de iniciativas (evento e livro), mas também àqueles que nos ajudaram na organização e preparação prévia desses produtos finais. Portanto, o nosso muito obrigado aos seguintes colaboradores: Carla Helal, Carolina Iara de Oliveira; Chris, The Red, Claudia Attimonelli, Erick Felinto, Esteban Buch, Fabio La Rocca, Flavia Queiroz, Gêsa Karla, Glória Diógenes, Helena Pires, Hugo Oliveira, Icaro Ferraz Vidal Junior, Jess Reia, José Serrano-Amaya, Karina Bidasca, Leandro Cooling, Luciano CortaRuas, Luiza Kosovski, Marcelo de Troi, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Natalia Bieletto-Bueno, Paula Guerra, Priscila Bittencourt, Priscila Miranda Bezerra, Richard Grusin, Simone Pereira de Sá, Susan Campos Fonseca, Susana Batel, Thiago Rizan, Vincenzo Susca e Zara Pinto-Coelho. Aproveitamos também essa oportunidade para agradecermos imensamente às duas principais agências de fomento à pesquisa do país – Capes e CNPq – pelo apoio fundamental que permitiu a realização do evento e deste livro.

Gostaríamos, ainda, de fazer duas advertências aos leitores. Primeiramente, sublinhamos mais uma vez que não se buscou aqui dar conta dos intermináveis debates que envolvem o ativismo. Diferentemente disso, salienta-se que há uma forte crítica que atravessa o livro em relação às saídas “lacradoras” e/ou “redentoras”, isto é, partimos de uma



forte convicção de que o caminho mais profícuo é certamente “seguir com o problema” e atuar de forma solidária e mais coletiva. Em outras palavras, os organizadores deste livro partem do pressuposto de que o diálogo e o “fazer com” são fundamentais para “seguir com o problema” (Haraway, 2019). E que é essa postura colaborativa e interdependente que permanecerá capacitando aos atores “re-existirem”, ressignificando o seu cotidiano com “táticas e astúcias” (De Certeau, 1998). Quem sabe assim continuarão sendo capazes de (re)construir “heterotopias” (Lefebvre, 2004; Harvey, 2013) potentes e seguirão desenvolvendo perspectivas mais “afetivas” em relação ao que seria da ordem do “comum”.<sup>15</sup>

E, em segundo lugar, advertimos também que essa publicação é dirigida a um público mais amplo, interessado em compreender o crescimento expressivo das práticas artivistas. Ou seja, não necessariamente está dirigida a um público acadêmico ou é dedicada somente aos ativistas e artivistas. Em suma, buscou-se ao longo dessa publicação oferecer mais elementos para ampliar a problematização da complexidade do fenômeno da forte presença do ativismo na atualidade: seja nas suas tensões e articulações, nos levantes e negociações, e até nas desobediências civis ou dinâmicas dissensuais mais radicais.

## Notas

<sup>1</sup> Para mais informações sobre esses movimentos que marcaram a década de 2000, conferir: Hardt e Negri, 2016; Castells, 2017.

<sup>2</sup> Brant, Danielle. Supremacista branco é condenado por morte de manifestante em Charlottesville, *Folha de S.Paulo*, 7 dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/supremacista-branco-e-condenado-por-morte-de-manifestante-em-charlottesville-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

<sup>3</sup> Redação Mundo. *Artista francês cria instalação na fronteira entre EUA e México*, *O Globo*, 09 set. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/artista-frances-cria-instalacao-na-fronteira-entre-eua-mexico-21804953>>. Acesso em: 2 dez. 2021.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre esse movimento que alcançou escala global, conferir o seguinte link: <<movimento-black-lives-matter-em-ny.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

<sup>5</sup> A 14ª Documenta foi realizada na Grécia pela primeira vez e causou muita polêmica. Bastava entrar na sala do vídeo Glimpse do polonês Artur Żmijewski para ser impactado por fortes imagens. Nessa instalação e em outros trabalhos exibidos, o visitante era interpelado por cenas violentas vividas nos campos de refugiados em Calais, Yayladagi, Dadaab ou mesmo no aeroporto de Berlim; ou que retratam o difícil cotidiano de imigrantes legais e ilegais nas ruas de grandes capitais europeias. Mais informações: Germano, Beta. Artistas e curadores se unem para combater a crise dos refugiados, *Casa Vogue*, 15 fev. 2018. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Lazer-Cultura/Arte/noticia/2018/02/artistas-e-curadores-se-unem-para-combater-crise-dos-refugiados.html>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

<sup>6</sup> “Que o @NegodoBorel faça o que ele quiser com a cara dele, mas que a idiotização à qual ele se presta não venha atravessar as verdades construídas diariamente por tanta gente, visíveis e invisíveis (afirma Rico Dalasam)”. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/clipe-de-nego-do-borel-e-criticado-por-comunidade-lgbt/>>. Acesso em: 19 dez. 2021).

<sup>7</sup> Ristow, Fabiano. Santander cancela exposição *Queermuseu, Extra*, 11 set. 2017. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/santander-cultural-cancela-exposicao-queermuseu-cartografias-da-diferenca-na-arte-brasileira-21807796.html>>. Acesso em: 21 nov. 2021).

<sup>8</sup> Miranda, Giuliana. Wagner Moura diz que há censura no Brasil em sessão de Marighella em Lisboa, in: *Folha de São Paulo*, 18/11/2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/wagner-moura-diz-que-ha-censura-no-brasil-em-sessao-de-marighella-em-lisboa.shtml>>. Acesso em: 24/11/2021.

<sup>9</sup> Jucá, Beatriz. Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio, *El País Brasil*, 6 set. 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692\\_253126.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html)>. Acesso em: 24 nov. 2021).

<sup>10</sup> Guerra, Rayanderson. Desembargador censura Especial de Natal do Porta dos Fundos na Netflix para acalmar ânimos, *O Globo*, 9 jan. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/desembargador-censura-especial-de-natal-do-porta-dos-fundos-na-netflix-para-acalmar-animos-24178422>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

<sup>11</sup> Redação. Carlos Bolsonaro critica evento Facada Fest, *IG Último Segundo*, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-06-19/carlos-bolsonaro-critica-evento-facada-fest-pais-da-putaria-da-esquerda.html>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

<sup>12</sup> É possível acessar as conferências ministradas nesse seminário internacional e o debate com o público no canal do YouTube. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCTL-bF\\_DEXO\\_KIWIPeGCDRzw](https://www.youtube.com/channel/UCTL-bF_DEXO_KIWIPeGCDRzw)>. Acesso em: 3 dez. 2021.

<sup>13</sup> Para obter uma lista mais ampla das expressões artísticas ativistas que marcaram o século XX e, ao mesmo tempo, mais informações sobre estas: sugerimos conferir Mesquita *et al.*, 2021.

<sup>14</sup> Em francês a palavra “sirene” significa não só sereia, mas também sirene. O autor explora essa ambiguidade no, artigo problematizando a simbologia das sereias e o fato de as sirenes não terem parado de tocar muito alto na noite em que esses atentados ocorreram, aterrorizando sonoramente também os moradores de Paris. A sensação de pânico intensificou-se com o barulho das sirenes e a decretação imediata de “estado de emergência” pelo governo francês naquela ocasião.

<sup>15</sup> O “comum”, para Hardt e Negri, está diretamente associado ao debate ecológico que envolve a discussão dos usos da terra, água, minérios e outros importantes recursos. Contudo, também

estaria relacionado à “produção social do comum” que se encontra disponível na vida social (seja presencial ou na *web*) e vem possibilitando gerar conhecimentos, informações, afetos e memória que são cruciais para a geração de riqueza na atualidade. Apoiando-se na noção de afeto, felicidade e alegria (*gaudium*) consagradas por Spinoza em boa parte de sua obra, esses autores partem do pressuposto de que esses sentimentos podem potencializar positivamente novas dinâmicas sociais e (re)agenciamentos do comum. Os autores chegam a argumentar que o “amor é uma prática do comum [...] e é capaz [...] de gerar novas formas de viver juntos, as quais afirmariam a autonomia e a interação de singularidades” (Hardt e Negri, 2016, p. 380).

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ALLIEZ, Eric; LAZZARATO, Mauricio. *Guerras e Capital*. São Paulo: Ubu Editorial, 2021.

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira; MONTEIRO, Camila. De westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira. *Galáxia*. São Paulo: PUC-SP, 2015.

AZNAR ALMAZAN, Yago; CLAVO, Maria I. Arte, política y activismo. *Concinnitas – Revista do Instituto de Artes da UERJ*, Rio de Janeiro, ano 6, v. 1, n. 10, 2007.

BRADLEY, Will. Introdução. In: MESQUITA, André *et al.* (org.). *Arte e ativismo*. São Paulo: MASP/Afterall, 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHAIA, Miguel. Artivismo. *Aurora – Revista de Arte, Mídia e Política*. São Paulo: PUC-SP, n. 1, 2007.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DI GIOVANNI, Julia R. *Artes do impossível*. São Paulo: Annablume, 2012.

- DI GIOVANNI, Julia R. Artes de abrir espaço. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4, n. 2, pp. 13 - 27, 2015.
- ESCHE, Charles. Prefácio à segunda edição. In: MESQUITA, André *et al.* (org.). *Arte e ativismo*. São Paulo: MASP/Afterall, 2021.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- HARAWAY, Donna. *Seguir con el problema*. Bilbao: Edición Consonni, 2019.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Bem-Estar comum*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- HERSCHMANN, Micael. Espetacularização e alta visibilidade. In: FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (org.). *Comunicação, Cultura e Consumo*. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2005.
- KIFFER, Ana; GIORGI, Gabriel. *Ódios políticos e políticas do ódio*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2019.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. El arte como territorio de re-existencia: una aproximación decolonial. *Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales*, n. 8, pp. 26 - 28, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N1-Edições, 2018.
- MESQUITA, André *et al.* (org.). *Arte e ativismo*. São Paulo: MASP/Afterall, 2021.
- MESQUITA, André. *Insurgências poéticas*. São Paulo: Annablume, 2011.
- MIGNOLO, Walter. *Trayectorias de re-existencia: ensayos en torno a la colonialidad/decolonialidad del saber, el sentir y el creer*. (org. por Pedro Pablo Gómez). Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015.
- MORAIS, Pedro F. A Bienal de Berlim declarou guerra. *Público*, 15 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/07/15/culturaipilon/noticia/berlim-1836566>>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

- RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RAPOSO, Paulo. Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4, n. 2, pp. 3 - 12, 2015.
- SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro. Fazendo política no cu do mundo: decolonialidade queer na performance de Hija de Perra. *Revista Bagoas*, v. 13, n. 21, 2020.
- SEMOVA, Dimitrina J. et al. (ed.) *Entender el artivismo*. Oxford: Peter Lang, 2019.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- THIBAUD, Jean-Paul. *En quête d'ambiances*. Éprouver la ville en passant. Genève: MetisPresses, 2015.
- VALENCIA, Sayak. *Capitalismo Gore*. Barcelona: Melusina, 2010.
- WALSH, Catherine (ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo 1. Quito: Ed. Abya Yala, 2013.
- ZANELLA, Andréa V. et al. Sobre reXistências. *Revista Psicologia Política*. v. 12, n. 24, 2012.